

# Catulo da Paixão Cearense (1866 - 1946)

A fonte do cemitério

Canção

Dedicatória: Ao jornalista conterrâneo Nascimento Moraes.

voz, piano  
(*voice, piano*)

5 p.



MUSICA BRASILIS



Parece até que a  
alma da lua  
é que descanta,  
escondida  
na garganta  
dêsse galo,  
a soluçar !

## GRÊMIO CULTURAL CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Presidente de Honra: EMBAIXADOR ASSIS CHATEAUBRIAND

Comissão Diretora: Carlos Maul, Guimarães Martins e Othon Costa

Sede própria: rua Maestro Francisco Braga n.º 380 - Gr. 204 - (Copacabana)  
telefone 37.6542 - Rio de Janeiro - Estado da Guanabara - ZC-07  
Estados Unidos do Brasil

CUIDADO. Film para impressão em off-set. Evitar contacto com a mão.

### A FONTE DO CEMITÉRIO

Canção

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Piano-canto ou piano-solo.



Parece até que a  
alma da lua  
é que descanta,  
escondida  
na garganta  
dêsse galo,  
a soluçar!

## GRÊMIO CULTURAL CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Presidente de Honra: EMBAIXADOR ASSIS CHATEAUBRIAND

Comissão Diretora: Carlos Maul, Guimarães Martins e Othon Costa

Sede própria: rua Maestro Francisco Braga n.º 380 - Gr. 204 - (Copacabana)  
telefone 37.0542 - Rio de Janeiro - Estado da Guanabara - ZC-07  
Estados Unidos do Brasil

### A FONTE DO CEMITÉRIO

*canção*

Ao jornalista contrerrâneo Nascimento Moraes.

Num cemitério abandonado e pobre,  
sem uma lousa, sem uma inscrição,  
onde o hervaçal a sepultura cobre  
do que repousa lá no terreço chão,  
entrei. E o mesto ciprestal erguido  
rezava as preces, que só Deus traduz!  
O morto, o extinto nesse eterne olvido,  
só tinha a sombra fraternal da cruz.  
Na sepultura dêsses sonhadores,  
que não se cansam de sonhar, dormir,  
nem o consólo das agrestes flôres  
lhes vinha o sono glacial florir!

De um monte estéril, sôbre negros fossos,  
um fio d'água vinha a deslizar,  
e se infiltrando pelos brancos ossos,  
fluiu doce, como a luz do luar!  
Em seu fluente e lacrimal diamante  
busquei matar de minha sêde o arder,  
que era tão puro e tão insinuante  
do seu cristal o sonolento alvor.

Mas, quando a boca debrucei às águas,  
para que a sêde mitigasse ali,  
veiu-me aos lábios um sabor de máguas...  
gôsto de morte em seu licor senti!  
Lembrou-me a fonte lá do cemitério,  
onde uma tarde a meditar entrei,  
o beijo amargo de sabor funereo  
que em tua boca funeral eu dei.

(Lendo Gauthier)

Ao jornalista conterrâneo Nascimento Moraes.

# A FONTE DO CEMITÉRIO

CANÇÃO

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

**PIANO** Bem moderato

*mf* (bem saudosos)

Nun ce-mi-té-rio abando-na-do e  
(descritivo)

po-bre, sem u-ma lou-sa, sem u-ma inscri-ção, on-de o herva-

çal a sepul-tu-ra co-bre do que re-pou-sa lá no ter-reo

chão, en-trei. E o mes-to ci-pres-tal er-gui-do re-za-va as

*f*

pre - ces, que só Deus tra - duz! O mor-to, o ex-tin - to nes-se e-terno ol-

vi - do, só ti-ña a som-bra fra-ter-nal da cruz. Na se-pul -

tu - ra dê-ses so - nha-do - res, que não se can - sam de so - nhar dor -

mir, nem o con - sô - lo das a-gres-tes flo - res lhes vi-nhao

so - no gla-cial flo - ri! De um monte es - - té - ril, sô - bre ne-gros

A fonte do cemitério 2

fos - sos, um fi - o dá-gua vi-nha a des - li - zar, e se in-fil -

tran - do pe-los bran-cos os - sos, flu - í - a dô-ce, co-mo a luz do luar!

Em seu flu - - en - - te e la-cri-mal dia-man - te bus-quei ma -

*mf*

tar de mi-nha sê - de o ar-dor, que e-ra tão pu - - ro e tão in-si-nu -

an-te do seu cris-tal o so-no-len-to al-vor. Mas, quand a

*f* *mf* *p*

D. C.  
ao  
Fim

*rall..... pp*  
Fim

A fonte do cemiterio 3